

Conhecimentos Necessários para Saber Ler os Acentos Gráficos no Português

Necessary Knowledge for Reading Stress Signs in Portuguese

Leonor Scliar-Cabral*

Articulista convidada

RESUMO

No artigo, esclareço o proveito que o educador poderá obter da transparência do sistema do português escrito para uma alfabetização excelente para a leitura, ilustrando tal transparência com a aplicação do princípio da economia e do valor do zero linguístico, para a atribuição do acento de intensidade às palavras mais frequentes do português escrito, isentando-as do acento gráfico. Sendo assim, todas as palavras com mais de duas sílabas que terminam pelas letras 'a', 'e', 'o', seguidas ou não de 's' e por 'em', 'ens', 'am', sem nenhum acento gráfico (as mais frequentes do português escrito), são lidas como paroxítonas. Demonstro, igualmente, como o sistema do português escrito permite a identificação dos clíticos que terminam pelas letras 'a', 'e', 'o', seguidas ou não de 's', em contraste com a impossibilidade de sua delimitação na cadeia da fala.

Palavras-chave: Português escrito; acento gráfico; leitura; transparência; economia linguística.

ABSTRACT

In this paper, I clarify the advantage educators can obtain from the written Portuguese system transparency, for an excellent early literacy for reading, illustrating such transparency with the economy principle and the linguistic zero value application, for stress attribution to the most frequent words in written Portuguese, exempting them from the graphic correspondent marks. Therefore, all words with more than two syllables that end with the letters 'a', 'e', 'o', whether or not followed by 's' and by 'em', 'ens', 'am', without any graphic diacritic (the most frequent in written Portuguese), are read as paroxytons. I also demonstrate how the written Portuguese system allows the identification of clitics that end with letters 'a', 'e', 'o', followed or not by 's', in contrast to the impossibility of delimiting them in the speak chain.

Keywords: Written Portuguese, graphic marks, reading, transparency, linguistic economy.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.448

*Universidade Federal de Santa Catarina, leonorsc20@gmail.com, orcid.org/0000-0003-3163-5482

Introdução

A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2016 (Inep, 2017) aplicada a 2.160.601 alunos quando concluíam o 3º ano do Ciclo de Alfabetização, nas escolas públicas brasileiras, em leitura e escrita, acusou que somente **12,99%** atingiram o nível desejável (4) em leitura e apenas **8,28%**, o nível desejável (5) em escrita, de onde se infere que algo vai muito mal nas metodologias de ensino-aprendizagem da alfabetização.

Nesse artigo, proponho-me discutir algumas questões que têm sido totalmente negligenciadas em tal ensino-aprendizagem em virtude da ausência de fundamentação nas ciências que poderiam contribuir para uma alfabetização de excelência: a neurociência, a linguística, a psicolinguística e a neuropsicologia, minorando, assim, o quadro desolador que apresentei acima.

Em virtude do escopo da revista *Confluência*, aprofundarei as contribuições da linguística, sem deixar de mencionar algumas contribuições da neurociência e da psicolinguística, necessárias à compreensão das primeiras. O foco é demonstrar o proveito que o educador poderá obter da transparência do sistema do português escrito para uma alfabetização excelente para a leitura.

Como a psicolinguística demonstra, não existe *output* sem *input*, isto é, não existe produção (no caso, o texto escrito) sem recepção (no caso, leitura). Até uma crença anterior de que o bebê surdo desenvolveria o balbúcio da mesma forma que o bebê ouvinte foi refutada por pesquisas mais acuradas e rigorosas (JUSCZYK, 1997, p. 175). Logo, os métodos que preconizam iniciar a alfabetização pela escrita incorrem numa falha básica. O que se observa, em geral, quando se aplicam tais métodos, é que a criança desenha seu próprio nome, mas não o escreve. Se ela se chamar PAULO e vir as palavras escritas LUPA ou PULA, que contêm as mesmas letras que constam em seu nome (embora o grafema <u> não com o mesmo valor), não conseguirá reconhecê-las e, provavelmente, tampouco, seu próprio nome escrito em cursiva, com quatro letras em minúscula.

Alfabetizar-se para a leitura, no contexto do português brasileiro (PB) escrito, é ter automatizado o reconhecimento de quais, quantos e como se combinam os traços invariantes que diferenciam as 26 letras do alfabeto latino; é ter automatizado quais das 21 consoantes e das 12 vogais os grafemas (que no português escrito se realizam por uma ou duas letras) representam, sejam os valores desses grafemas condicionados ou não pelo contexto grafêmico, como é exemplo do primeiro caso, o grafema <c>, antes de grafemas que representem as vogais [+ posteriores], como em <casa>, ou [-posteriores], como em <céu>; é ter automatizado a atribuição do acento de intensidade, quando lê, mesmo que não haja acento gráfico (o caso mais frequente, no PB escrito), bem como o reconhecimento dos vocábulos átonos, separados por espaços em branco, nos textos escritos (ao contrário do que ocorre na cadeia da fala); é

saber atribuir os padrões de entoação, traduzindo para a oralidade, as escassas pistas oferecidas pelos sinais de pontuação. Tudo isto, para reconhecer a palavra escrita rapidamente e poder liberar a mente para os processos criativos da leitura: a atribuição da significação básica às unidades de significado, a construção do sentido novo das palavras, mediante inferências, ao cruzar a informação extraída do texto, com a que provém das várias memórias permanentes, em seu cérebro e, assim, sucessivamente, com a construção do sentido novo das frases, orações, períodos, parágrafos, até chegar à construção da macroestrutura textual, o que lhe possibilitará o posicionamento crítico sobre o que leu.

Para exemplificar minha argumentação, demonstrarei como se leem os acentos gráficos superpostos às vogais, inclusive a ausência deles, nos textos escritos em PB, tema totalmente ignorado tanto na alfabetização, quanto no ensino do português, nos anos subsequentes do Ensino Fundamental, pois, o que predomina é o ensino de como se colocam os acentos gráficos quando se escreve, mas não como são lidos. Para entendimento da exposição, incluo os Quadros 1 e 2, que apresentam os fonemas vocálicos e consonantais do PB, pois um dos fundamentos de uma boa alfabetização é o de que os grafemas, realizados por uma ou duas letras, no PB escrito, devam ser ensinados por seus valores e não por seu nome, avultando a necessidade de se conhecerem os fonemas do PB, porque os valores não são outra coisa senão tais fonemas e de como eles são realizados pelos falantes, isto é, os respectivos sons.

Quadro 1. Fonemas vocálicos do PB

+orais	-posterior -arredondado (anteriores)	+posterior -arredondado	+posterior +arredondado
+alta	i		u
-alta -baixa	e		o
+baixa	ɛ (pé)	a	ɔ (pó)
-orais (nasalizadas)			
+alta	ĩ		ũ
-alta	ẽ		õ
+baixa		ã	

Fonte: Sistema vocálico do português brasileiro, conforme o modelo de Quicoli (1990), com acréscimo das vogais nasalizadas.

Quadro 2. Fonemas consonantais do PB

		+ant -cor (labiais)	+ant +cor (anteriores)	-ant +cor	-ant -cor -post	-ant -cor +post (posteriores)
+obstruente -cont (oclusivas)	-son (surdas) +son	p b	t d			k g (galo)
+cont (fricativas)	-son +son	f v	s z	ʃ (chá) ʒ (já)		R (rosa)
-obstruente +nasal (+vocálico)		m	n		ɲ (vinho)	
+lateral -lateral -cons (semivogais)			l r (caro)		ʎ (velha) j (pai)	w (teu)

Fonte: Quadro fonêmico das consoantes do PB, conforme Lopez (1979), mais as semivogais, exemplos e termos comparativos, seguindo Mattoso Câmara Jr. (1975).

1. Quais são os acentos gráficos no PB?

Examinarei como se leem os acentos gráficos superpostos às vogais, inclusive a ausência deles.

O **acento agudo** ´ assinala a sílaba mais forte na palavra e distingue as vogais mais baixas /ɛ/, /ɔ/, das vogais orais [-altas, -baixas] /e/, /o/, como em ‘réis’ / ‘reis’, ‘sóis’ / ‘sois’. Observem que assinalei ‘das vogais orais’, porquanto, se o acento agudo estiver superposto à vogal nasal, cujo grafema é realizado pela letra ‘é’, seguida pelas letras ‘m’, ou ‘n’, que assinalam sua nasalidade, como em ‘contém’, ‘provéns’, tal acento agudo não está, cumulativamente, distinguindo a vogal nasal [-alta, -baixa, -posterior] de uma inexistente vogal nasal [+baixa, - posterior].

O **acento circunflexo** ^ assinala a sílaba mais forte na palavra e distingue as vogais orais [-altas, -baixas] /e/, /o/, das mais baixas /ɛ/, /ɔ/, como em ‘sê’ / ‘Sé’, ‘vovô’ / ‘vovó’.

Também se usa como acento diferencial em duas palavras apenas, conforme o Novo Acordo Ortográfico (SENADO FEDERAL, 2014): verbo ‘pôr’ (monossílabo tônico) para diferenciá-lo da preposição átona ‘por’; verbo ‘pôde’ (3ª pess. sing. pret. perf. ind.) → /ˈpɔdɨ/ diferente de ‘pode’ (3ª pess. sing. pres. ind.) → /pɔdɨ/.

O acento circunflexo usado nas 3ª pess. pl. pres. ind. dos verbos ‘ter’, ‘vir’ e seus derivados (‘eles têm’, ‘vêm’, ‘contêm’, ‘provêm’) será exposto mais adiante, dada a complexidade da explicação.

O **acento grave** ` não marca a sílaba mais forte, pelo contrário. É um acento que assinala a fusão de dois sons idênticos (crase), no caso, as duas vogais átonas /a/ + /a/, como a preposição ‘a’ + o artigo def. fem. ‘a(s)’: ‘Assistiu às notícias’, ou como a preposição ‘a’ + o pron. substantivo ‘a(s)’: ‘Referiu-se às que estavam sentadas’, ou ainda como a preposição ‘a’ + pronome demonstrativo que inicie por ‘a’: ‘Referiu-se àquelas que estavam sentadas’.

O **til** ~ é um acento gráfico auxiliar, pois superpõe-se às letras ‘a’, ‘o’ (só a elas) para marcar a sua nasalidade, como em ‘mãe’, ‘põe’. Mas também elas e, com exclusividade, as demais vogais nasais, ao invés do til, são seguidas pela letra ‘m’ (antes de ‘p’, ‘b’) ou ‘n’ (antes das demais consoantes), na mesma sílaba, formando um dígrafo, cujo grafema representa as respectivas vogais nasais, como em ‘tampa’, ‘ponto’, ‘tinge’, ‘lembra’, ‘mundo’.

O **trema** ” foi excluído pelo Novo Acordo Ortográfico (SENADO FEDERAL, 2014), o que tornou nosso sistema de escrita mais opaco, pois a identificação de ‘gu’ e ‘qu’, seguidos de ‘e’ ou ‘i’ ficou problemática: não se sabe se funcionam como dígrafo, representando respectivamente os fonemas /g/ e /k/ como em ‘guerra’ e ‘quilo’, ou se representam, respectivamente, dois fonemas /gw/ e /kw/ como em ‘aguenta’ e ‘cinquenta’.

Esclareça-se que o grau de transparência de uma língua escrita resulta de quanto maior for a biunivocidade na conversão dos grafemas em fonemas na leitura e, inversamente, a biunivocidade na conversão dos fonemas em grafemas na escrita, isto é, quanto mais a um só grafema corresponder um só e mesmo fonema e a um só fonema corresponder um só e mesmo grafema, como são exemplos no PB escrito: <p> → /p/ (leia-se: o grafema <p> se converte no fonema /p/); → /b/; <t> → /t/; <d> → /d/; <f> → /f/; <v> → /v/ e vice-versa: /p/ → <p> (leia-se: o fonema /p/ se converte no grafema <p>); /b/ → ; /t/ → <t>; /d/ → <d>; /f/ → <f>; /v/ → <v>. Assim, são transparentes as línguas escritas como o finlandês, o italiano, o espanhol, o português (mais para a leitura do que para a escrita).

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países cuja língua oficial é o português, em 1990, a fim de unificar a ortografia, como mencionamos acima, tornou o sistema mais opaco, não só ao eliminar o trema, mas também, ao eliminar o acento agudo nos ditongos abertos, ‘éi’, ‘éu’, ‘ói’, quando não figurarem em posição final de vocábulo, já que distinguir as vogais mais baixas /ɛ/, /ɔ/, das vogais orais [-altas, -baixas] /e/, /o/ é uma das únicas dificuldades na decodificação dos grafemas no PB escrito, que a atribuição do acento agudo nos ditongos abertos, ‘éi’, ‘éu’, ‘ói’, em qualquer posição amenizava.

2. Conhecimentos necessários para saber ler os acentos gráficos

Ensinar acentuação gráfica não se deve limitar ao propósito de ajudar o aluno a passar em concursos ou provas, nem de decorar regras ou listas intermináveis. Trata-se de uma proposta de ensiná-la não apenas para redigir corretamente, mas também para reconhecer a palavra

escrita na leitura, mediante a identificação não só das letras, dos grafemas e seus valores, mas também de onde cai o acento mais forte no vocábulo assim como quando ele não o possui, o vocábulo átono ou clítico. Somente o reconhecimento correto da palavra escrita permitirá o acesso à significação básica e a subsequente construção do sentido novo que ela terá no texto. Mas, para saber ler os acentos gráficos ou sua ausência, são necessários alguns conhecimentos prévios que passarei a expor.

2.1 O princípio da economia

O princípio da economia rege o funcionamento da comunicação linguística. O que significa? Informar o máximo, usando o mínimo de símbolos. Há vários exemplos: os mais antigos sistemas de escrita eram ideográficos, como o proto-cuneiforme (MICHAILOWSKI, 1996, p. 33), os hieróglifos egípcios (RITNER, 1996, p. 73). Quando se passou do sistema ideográfico, para o proto-alfabético, o fator da economia foi o determinante: ao invés de ter que memorizar milhares de ideogramas para saber ler, bastava memorizar as 22 consoantes e os valores que os grafemas tinham.

Apesar do enorme avanço, nos sistemas de escrita, o proto-alfabeto era muito incipiente, destinando-se, de início, a registrar de forma permanente textos religiosos, como é o caso das inscrições bilíngues (em proto-sinaítico e hieróglifos) gravadas na pequena esfinge de arenito em louvor da deusa Hathor, datadas de 1.400 a.C. e descobertas no planalto de Serabit-el-Khadem, pelo arqueólogo F. W. M. Petrie (1912) em 1905 (Autor). Os limites do sistema se deviam ao fato de só representar as consoantes e de ser acronímico, isto é, só representava o fonema inicial de cada palavra.

Outro exemplo do princípio da economia nos é dado por Gonçalves Viana (1904), ao fixar a ortografia do português. Proclamada a República Portuguesa, em 5 de outubro de 1910, a regulamentação da ortografia foi definida por uma Comissão Ortográfica, sendo Gonçalves Viana seu Relator. Profundo conhecedor do português, aplicou o seguinte princípio de economia ao sistema de escrita: as palavras com acento de intensidade, mais frequentes, não levariam acento gráfico. Para entendermos esta aplicação, é necessário conhecer mais alguns princípios.

2.2 Zero ou ausência de signos

Na comunicação linguística, zero ou ausência também significam, desde que opostos à presença de um signo, no mesmo contexto. Essa concepção remonta ao pensamento de Saussure (1972, p. 164), coerente com a teoria de valor que embasa sua proposta, ao definir o fonema, como uma unidade opositiva, relativa e negativa e, nos manuscritos, descobertos em 1996, quando afirma: “o nada também vale” (SAUSSURE, 2002, p. 68). Vamos a alguns exemplos:

O que significa ‘menino’ oposto a ‘meninos’? Singular, isto é, a ausência de ‘s’, ou ‘es’ (= a zero), no final de um substantivo, significa singular.

O que significa ‘escreve’ oposto a ‘escreves’? 3ª pess. sing. pres. ind., isto é, a ausência de ‘s’ (= a zero), no final de um verbo, no pres. ind. significa 3ª pess. sing.

Nos monossílabos tônicos em que as letras ‘i’, ‘u’ estiverem realizando os grafemas <i>, <u>, ao representarem as semivogais /j/, /w/, isto é, nos ditongos orais, a ausência de sinal gráfico sobreposto às letras ‘e’, ‘o’, assinala as vogais /e/, /o/ e o acento agudo sobreposto às letras ‘é’, ‘ó’, assinala, as vogais /ɛ/, /ɔ/, como em ‘reis’, ‘réis’, ‘pensei’, ‘pincéis’, ‘sois’, ‘sóis’, ‘depois’, ‘lençóis’.

2.3 Palavras mais frequentes no português

Há duas estruturas canônicas de palavras mais frequentes no português escrito: as palavras paroxítonas terminadas pelas letras ‘a’, ‘e’, ‘o’, seguidas ou não de ‘s’, ou terminadas por ‘em’, ‘ens’, ‘am’, como ‘casa’, ‘escreves’, ‘livro’, ‘homem’, ‘jovens’, ‘transcrevem’, ‘amam’ e as átonas. Nenhuma delas leva acento gráfico. Começamos pelos vocábulos átonos. É óbvio que não podem levar acento gráfico para marcar intensidade, pois são átonos.

2.3.1 Reconhecimento, na leitura, dos vocábulos átonos

Antes de mais nada, ressalto a transparência do sistema de escrita do português para o reconhecimento dos vocábulos átonos, em contraste com a total opacidade na cadeia da fala. Com efeito, os vocábulos átonos, no texto escrito, têm seu início e final delimitados por espaços em branco, além de, no caso de terminarem por vogais orais somente serem grafados com as letras ‘a’, ‘e’, ‘o’, seguidas ou não por ‘s’, ao contrário do que ocorre na cadeia da fala em que vêm grudados ao vocábulo com intensidade seguinte, sofrendo toda a sorte de mudanças fonéticas, como é o caso, na maioria das variedades sociolinguísticas do PB, da neutralização da diferença entre as vogais /e/, /o/, em favor de /i/, /u/, respectivamente, do que resultam os arquifonemas |I|, |U|, além da frequente ressilabação, como no exemplo ‘uzóiu’ (transcrição adaptada, para facilitar a compreensão do leitor: a transcrição fonêmica é /u’zɔjU/) que, na escrita canônica corresponde a ‘os olhos’,

Veja-se, pois, a transparência do sistema de escrita do português ao opor os vocábulos átonos que terminam por vogais orais, que sempre se escrevem com as letras ‘a’, ‘e’, ‘o’, seguidas ou não de ‘s’, opostos aos monossílabos tônicos terminados por vogais orais, que sempre se escrevem com as letras ‘i’, ‘u’, seguidas ou não por ‘s’. Contrastemos, como exemplo, os pronomes pessoais oblíquos: ‘te’ / ‘ti’; ‘se’ / ‘si’. É claro que há uma informação contextual sobressalente que reforça o contraste: os pronomes átonos nunca podem ser preposicionados,

ao contrário dos tônicos, que obrigatoriamente o são: “Eu te amo” / “Gosto de ti”. Observe, ainda, que, na fala, na maioria das variedades sociolinguísticas do PB, as duas pronúncias dos pronomes oblíquos são quase homófonas, diferenciando-se apenas porque uma é átona e a outra é tônica.

Como, então, você vai reconhecer na leitura que se trata de um vocábulo átono? Embora eles apresentem grande frequência de ocorrência, os tipos ou classes são em número fechado e limitado, pois pertencem às classes gramaticais. Então, a saída didática é memorizá-los, mas uma boa estratégia é a de que, na leitura, se terminarem por vogais orais, só podem ocorrer as letras ‘a’, ‘e’, ‘o’(s) e não levam acento gráfico.

2.3.1.1 Monossílabos átonos

Pronomes pessoais oblíquos átonos: *me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos*; e suas contrações: *mo, to, lho, etc.*

Pronome relativo: *que*.

Preposições *a, com, de, em, por, sem, sob*.

Contrações/combinções de preposição e artigo: *à, ao(s), da(s), do(s), na(s), no(s), num, nuns etc.*

Conjunções: *e, mas, nem, ou, que, se*;

Artigo definido (*o(s), a(s)*) e indefinido (*um, uns*).

Formas de tratamento: *dom (D. Pedro), frei (Frei José), são (São Pedro), etc.*

Advérbio ‘não’, quando junto ao verbo.

2.3.1.2 Dissílabos átonos

Preposição: *para*.

Contração da preposição com artigo: *pelo(s), pela(s)*.

Artigo indefinido feminino: *uma(s)*.

Conjunções: *porque, como*.

Resumindo, você reconhece, na escrita, que são vocábulos átonos pela ausência de acento gráfico; só podem ser monossílabos (a maioria), ou dissílabos; pertencem a uma classe gramatical e, quando representam as vogais orais, só podem terminar pelas letras ‘a’, ‘e’, ‘o’(s).

2.3.2 Reconhecimento, na leitura, das palavras mais frequentes com sílaba mais forte

Vejamos, então, o outro grupo das palavras mais frequentes, as que têm uma sílaba mais forte. Mas antes, examinemos um outro princípio que vai nos ajudar a ler estas palavras.

2.3.2.1 Sinalização distinta das letras ‘a’, ‘e’, ‘o’/ ‘i’, ‘u’ seguidas ou não de ‘s’ em final de palavra:

Se você observar as letras ‘a’, ‘e’, ‘o’ seguidas ou não de ‘s’ em final de palavra, com mais de uma sílaba (exclua os 5 dissílabos átonos já memorizados: para, pelo/a(s), uma(s), porque, como) e não houver nenhum acento gráfico, a palavra deve ser lida como paroxítona, isto é, com o acento mais forte na penúltima sílaba. Exemplos: ‘casa’, ‘escreve’, ‘menino’. (Lembre-se de que, se a palavra for um monossílabo, é lida como um vocábulo átono, ou clítico, conforme examinado em 2.3.1).

Excluem-se dessa regra de atribuição do acento de intensidade na leitura, quando as letras ‘o’, ‘e’, seguidas ou não de ‘s’, na posição final da palavra, estiverem depois de ‘ã’, ‘õ’, como em ‘mãos’, ‘coração’, ‘mãe’, ‘corações’, porque, nesse caso, a letra ‘o’ está realizando o grafema que representa a semivogal /w/ e a letra ‘e’ está realizando o grafema que representa a semivogal /j/, nasalizadas pelo centro vocálico /ã/, dos ditongos nasais /ãw/, /ãj/, /õj/. Se a palavra, em tais circunstâncias, com mais de uma sílaba, não tiver nenhum acento gráfico (são as mais frequentes), deve ser lida como oxítona, isto é, com o acento mais forte na última sílaba. Exemplos: ‘alemão’, ‘confusão’, ‘corações’. Se a palavra, com mais de uma sílaba tiver acento gráfico (são raríssimas), deve ser lida com o acento mais forte na sílaba cuja vogal estiver superposta pelo acento gráfico: só encontrei paroxítonas, todas terminadas em ‘ão(s)’ e nenhuma em ‘ãe(s)’, como ‘órgãos’, ‘acórdão’, ‘sótão’, ‘bênção’. Se a palavra só tiver uma sílaba deve ser lida como um monossílabo tônico. Exemplos: ‘vão’, ‘são’, ‘pão’, ‘mãe’. Contudo, o advérbio ‘não’, junto ao verbo, é considerado monossílabo átono.

Já com as letras ‘i’, ‘u’, seguidas ou não de ‘s’ em final de palavra, com mais de uma sílaba, se não houver nenhum acento gráfico, a palavra deve ser lida como oxítona, isto é, com o acento mais forte na última sílaba. Exemplos: ‘juriti’, ‘vivi’, ‘tatu’. Com as letras ‘i’, ‘u’, seguidas ou não de ‘s’ em final de palavra, com uma sílaba, não pode ocorrer nenhum acento gráfico: a palavra deve ser lida como monossílabo tônico, conforme visto em 2.3.1.

Nas palavras oxítonas em que as letras ‘i’, ‘u’ estiverem realizando os grafemas <i>, <u>, ao representarem as semivogais /j/, /w/, isto é, nos ditongos orais, a ausência de sinal gráfico, nas letras ‘e’, ‘o’, assinala as vogais /e/, /o/ e o acento agudo sobre elas, as vogais /ɛ/, /ɔ/, como em ‘pensei’, ‘pincéis’, ‘depois’, ‘lençóis’, conforme já mencionado em 2.2 Zero ou ausência de signos.

No hiato, em que as letras ‘i’, ‘u’ (s), estiverem em final de palavras e receberem o acento de intensidade, figura o acento agudo, como em ‘roí’, ‘baús’, mas o acento agudo não decorre do fato de ‘i’, ‘u’ (s), estarem em final de palavra e sim do fato de receberem a intensidade maior, estarem em segundo lugar no hiato, seguidas ou não de ‘s’, o que pode ocorrer em sílaba interna do vocábulo, como em ‘egoísmo’.

2.3.2.2 Grande dificuldade na alfabetização

Deparamo-nos, nesse passo, com uma grande dificuldade para ensinar a ler a ausência de acento gráfico, quando a palavra terminar pelas letras ‘e’, ‘o’(s), seja ela paroxítona, ou átona, porque, na maioria das variedades sociolinguísticas, tais letras (que realizam grafemas), são lidas, respectivamente, como [i], [u]. Então, ocorre um conflito entre a aplicação da regra (que se refere às letras) e como o leitor percebe sua fala interior, quando está lendo. Somente o conhecimento consciente (no caso, a consciência fonêmica) pode resolvê-lo.

O que ocorre com as vogais átonas /e/, /i/, /o/, /u/ em posição final de vocábulo no PB? O traço [-alto] que opõe cada par e que é fundamental para distinguir significados, na posição tônica, como em ‘furo’/’foro’, vai para o espaço. É claro que você não pode indiferentemente dizer “Eu teve muita sorte” ao invés de “Eu tive muita sorte” ou “Eu fui ao furo levar os documentos”, ao invés de “Eu fui ao foro levar os documentos”.

Mas, em posição átona final de palavra, tanto faz você dizer “U livru é interessantí” (transcrição adaptada para entendimento do leitor) quanto “O livro é interessante”, que não muda o significado.

Cientificamente, explicamos que o traço que distingue /e/ de /i/, /u/ de /o/ perdeu a função de distinguir significados e escolhemos o mais frequente, com letra maiúscula, como o arquifonema, a classe maior, que abrange ambos: /’tivI/, /’tevI/; /’forU/, /’furU/.

Durante a alfabetização, o professor poderá dizer às crianças, nas variedades em que a preferência for [i], [u] em posição átona final de palavra:

“Vocês já sabem que, às vezes, as letras são diferentes de como nos falamos. Isso vai acontecer com as letras (apontar na lousa para ‘e’, ‘o’), no final das palavras, seguidas ou não de (apontar na lousa para ‘s’) e na palavra não aparecer nenhum sinal em cima das vogais. Então nós lemos (apontar na lousa para ‘e’, ‘o’), [iii], [uuu]. Vamos ler em coro? (Aponte na lousa para: ovo, e, os, ave, novo, novelo, nave).

2.3.2.3 Todos os substantivos, verbos e adjetivos têm uma sílaba mais forte.

Repetindo, as paroxítonas terminadas em ‘a’, ‘e’, ‘o’ (s), ‘em’, ‘ens’, ‘am’ não levam acento gráfico. São mais raras as palavras gramaticais que possuem sílaba mais forte. As palavras paroxítonas terminadas por ‘em’, ‘am’, formas essas que representam ditongos nasais decrescentes, são as formas mais frequentes das 3^{as} pess. pl. dos verbos, como em ‘escrevem’, ‘cantam’.

Concluindo o tópico 2.3 sobre as palavras mais frequentes no português escrito, verificamos que ocorre a ausência dos acentos gráficos, em um dos grupos, o dos vocábulos átonos, ou clíticos, por sua própria natureza de não apresentarem vogal mais intensa (o acento grave, sobreposto à letra ‘a’, não é marca de intensidade) e no outro grupo, o das paroxítonas

terminadas pelas letras ‘a(s)’, ‘e(s)’, ‘o(s)’, ‘em’, ‘ens’, ‘am’. A ausência de acento gráfico nas palavras mais frequentes no português escrito segue o preceito da economia, preconizado por Gonçalves Viana. A seguir, verificaremos como se interpreta, na leitura, a presença dos acentos gráficos, a qual, no português escrito, obedeceu ao princípio da economia, pois contempla os padrões acentuais menos frequentes do português escrito.

3. Leitura dos acentos gráficos

O máximo da economia também foi aplicado ao reconhecimento de quais, quantos e como se combinam os traços gráficos dos acentos para assinalar a sílaba de maior intensidade: na verdade, trata-se de uma pequena reta inclinada que se superpõe à vogal mais intensa, num caso, começando da direita para a esquerda (acento agudo ´), noutra caso, duplicada, formando um ângulo agudo, a pequena reta inclinada começa debaixo para cima e da esquerda para a direita e, no topo, desce da esquerda para a direita (acento circunflexo ^). O acento grave ` , pequena reta inclinada que se superpõe à vogal átona, começando da esquerda para a direita, não marca intensidade e o til ~, que se superpõe somente às vogais ã, õ, marca a nasalidade.

A neurociência demonstrou experimentalmente que o primeiro processamento na leitura ocorre quando os neurônios da área occipital-temporal ventral esquerda reconhecem os traços invariantes das letras (DEHAENE, 2012, p. 151 e segs.), porém, antes de se alfabetizar, tais neurônios simetizam a informação, sendo necessário reciclá-los, para que percebam as diferenças entre direção para a esquerda e para direita.

Dentro do princípio da economia inclui-se a função cumulativa, ou seja, que uma só representação (significante) possa ter mais de um significado. Assim, além de assinalar a vogal mais intensa, no português escrito, o acento gráfico diferencia /’o/ vs. /O/; /’e/ vs. /E/: o primeiro, de cada par, pelo acento circunflexo (fôsseis, têxteis) e o segundo, pelo acento agudo (fósseis, éden). Vejamos quando se usam os acentos gráficos.

3.1 Todas as proparoxítonas levam acento gráfico

Aplicando o princípio da economia, por serem as mais raras, todas as proparoxítonas levam acento gráfico, como em ‘proparoxítonas’. Observe que, se a palavra proparoxítona, terminar em ditongo oral, ela leva acento gráfico, como em ‘fósseis’, ‘fôsseis’, ‘cárie’. Se o ditongo for crescente, também chamado de imperfeito, como no último exemplo, ‘cárie’, pode ser desdobrado e se transforma em um hiato, o que torna a palavra proparoxítona, logo, continua com o acento gráfico.

3.2 Todas as paroxítonas terminadas nas letras: l, r, x

Todas as paroxítonas terminadas nas letras: l, r, x levam acento gráfico, como em ‘amável’, ‘ímpar’, ‘córtex’. Observe que a leitura do grafema <l> em final de sílaba (inclusive da palavra), nas diferentes variedades sociolinguísticas, pode ser como [w] (predominante), [l], ou retroflexa, o que nos permite postular que <l> está representando muito bem o arquifonema |W| (lindo nosso sistema, não? Cobre todas as variedades!).

O mesmo ocorre com o grafema <r>, cuja leitura em final de sílaba (inclusive da palavra), agora também dependente do que vier depois (se um sinal de pontuação, uma palavra iniciada por vogal, por consoante surda ou sonora) e das diferentes variedades sociolinguísticas: antes de sinal de pontuação, a leitura pode ser como fricativa velar surda (predominante), ou vibrante múltipla surda; antes de sílaba iniciada por consoante, a leitura pode ser como fricativa velar surda (predominante), ou vibrante múltipla; em final de palavra, antes de vogal, na leitura, a consoante gruda nessa vogal e se transforma no flap [r], o que nos permite postular <r> como representando muito bem o arquifonema |R| (lindo, de novo, não?).

Quanto à letra ‘x’, em final de palavra paroxítona, ela realiza o grafema <x> que pode ter várias leituras, dependente do que vier depois (se um sinal de pontuação, uma palavra iniciada por vogal, por consoante surda ou sonora) e das diferentes variedades sociolinguísticas. Nesta posição, trata-se do único grafema que pode valer por duas consoantes /kS/ (fala erudita), ou três fonemas /kIS/ (fala corrente). Em qualquer dos dois casos, o último segmento, antes de sinal de pontuação, ou de palavra iniciada por consoante surda pode ser como fricativa palatal (predominante), ou fricativa áptico-alveolar surdas; antes de palavra iniciada por consoante sonora, pode ser como fricativa palatal (predominante), ou fricativa áptico-alveolar sonoras; antes de vogal, ela gruda nessa vogal e se transforma na fricativa áptico-alveolar sonora, o que nos permite postular o arquifonema |S| (lindo, de novo, não?).

3.3 Levam acento gráfico as paroxítonas terminadas:

- Nas letras ‘i’, ‘u’ (s)

Lembrem das sinalizações distintas das letras ‘i’, ‘u’ (s) em final de palavra, para a acentuação gráfica das paroxítonas, com valor das vogais orais /i/, /u/. As paroxítonas terminadas pelas letras ‘i’, ‘u’ (s) sempre levam acento gráfico, como em ‘júri’, ‘lápis’, ‘bônus’.

- Nos dígrafos ‘um’, ‘uns’, ‘on’, ‘ons’, que são lidos como as vogais nasais. Exemplos, ‘álbum’, ‘albuns’, ‘elétron’, ‘prótons’.

- Na letra ã(s). Só encontrei três palavras ‘órfã’(s), ‘dólmã’(s) e ‘ímã’(s).

- Nos ditongos nasais ‘ão’(s), ‘en’, como em ‘sótão’, ‘órgão’, ‘bênção’, ‘hífen’ (mas ‘hifens’ não leva acento gráfico!).

- Nos ditongos orais decrescentes, como em ‘amáveis’, ‘dizíeis’; nos ditongos orais crescentes, esses podem se transformar em hiatos, como em ‘espécie’, ‘armistício’, ‘audácia’.

- No encontro irregular das consoantes ‘ps’, como em ‘bíceps’, ‘fôrceps’.

Resumo: Recebem acento gráfico as paroxítonas terminadas em ‘r’, ‘l’, ‘x’, ‘i(s)’, ‘u(s)’, dígrafos ‘um’, ‘uns’, ‘on’, ‘ons’, ditongos nasais ‘ão(s)’, ‘en’, letras ã(s), ‘ps’.

3.4 Acento gráfico nas oxítonas e monossílabos tônicos

Lembrando sempre os efeitos opostos das letras ‘e’, ‘o’, ‘a’(s) / ‘i’, ‘u’(s):

- Se você se deparar com uma palavra que termine por ‘ê’, ‘é’, ‘ô’, ‘ó’, ‘á’ (s) e ela tiver duas ou mais sílabas, só pode ser lida como oxítona, isto é, o acento cai na última sílaba, como em ‘inglês’, ‘café’, ‘vovô’, ‘vovós’, ‘Paraná’. Isso também ocorre se a palavra terminar por ‘ém’, ou ‘éns’ (nesse caso, você lê um ditongo nasal), como em ‘ele contém’, ‘armazéns’.

- Se você se deparar com um monossílabo com ‘ê’, ‘é’, ‘ô’, ‘ó’, ‘á’ (s), isso lhe permite saber que não se trata de um monossílabo átono (lembre-se de que esses últimos são mais difíceis de identificar, mas qualquer monossílabo com ‘e’, ‘o’, ‘a’(s), como ‘de’, ‘do’, ‘da’, só pode ser átono: não existem monossílabos átonos que se escrevam com ‘i’, ‘u’ (‘ti’, ‘tu’, ‘nu’ são monossílabos tônicos).

Se você se deparar com uma palavra que termine por ‘éi’, ‘éu’, ‘ói’(s) e ela tiver duas ou mais sílabas, só pode ser lida como oxítona com ditongos com as vogais mais baixas /ɛ/, /ɔ/, como em ‘hotéis’, ‘chapéu’, ‘reconstrói’.

Lembre-se de que o Novo Acordo Ortográfico retirou o acento gráfico quando estes três ditongos estiverem na posição paroxítona, o que tornou o sistema mais opaco, pois não dá para saber se se trata de /ɛ/ ou /e/, de /ɔ/ ou /o/, como em ‘a teia’ / ‘ateia’.

Lê-se o acento agudo sobre as letras ‘i’, ‘u’ quando, no hiato, estiverem em segundo lugar, sozinhas, salvo a letra ‘s’ depois delas, formando a sílaba mais forte, independentemente de ser a última (oxítona), como em ‘baú’, ou penúltima (paroxítona), como em ‘egoísmo’.

Observe que o acento gráfico passa a ser diferencial, para distinguir o hiato do ditongo (ausência de acento gráfico), como em ‘recai’/’recai’. Esclareço, de novo, que, se as letras ‘i’, ‘u’, estiverem representando as semivogais, nos ditongos, jamais poderão receber acento gráfico, pois somente as vogais os admitem. Uma exceção é quando a sílaba seguinte ao hiato começar pelo dígrafo ‘nh’: não se coloca o acento gráfico, como em ‘rainha’.

A explicação dada para outra suposta exceção, como “as vogais ‘i’, ‘u’, por não serem acentuadas graficamente se vierem depois de um ditongo, como em ‘feiura’, ‘baiuca’” não procede, pois se trata de um encontro vocálico não rotulado pela NGB: uma possível transcrição fonêmica como /fe’jura/ e /ba’juka/, mas nunca como /fej’ura/ e /baj’uka/, demonstra que, primeiro, temos o encontro das vogais /e/, /a/, com a semivogal /j/ em sílabas separadas (encontro

não rotulado pela NGB) e depois o da semivogal /j/ com a vogal mais intensa /u/, na mesma sílaba, isto é, um ditongo crescente. Em nenhum dos casos preenchem-se as condições para colocação do acento gráfico no hiato.

4. Acentuação gráfica na mesóclise verbal

Para finalizar, tratarei de um caso mal explicado para interpretar os acentos gráficos, quando os verbos se combinam com os pronomes pessoais átonos o(s), a(s):

- As únicas letras que podem realizar grafemas consonantais em final de palavra são: 'l', 'r', 's', 'z', 'x', 'm', 'n'. Dessas, somente 'r', 's', 'z', 'm' podem figurar no final de verbos.

- Os pronomes pessoais átonos podem se posicionar na frente dos verbos (próclise, posição preferencial no PB), como em “Ele a considera bonita”. (Lembre-se de que ‘clise’ é uma variante de ‘clit-’ que aparece na palavra ‘clítico’, a qual significa ‘palavra átona’). Quando o pronome pessoal átono estiver na frente do verbo (próclise), não há nenhuma mudança: não se usa hífen e na leitura os reconhecemos, inclusive, porque se escrevem com as letras o(s), a(s) e não há nenhum acento gráfico, como, na linha acima, ‘os reconhecemos’.

- Quando o pronome pessoal átono estiver depois do verbo (ênclise), temos que usar o hífen e, se o verbo terminar por 'r', 's', 'z', 'm' ocorrem as seguintes mudanças:

- 'r', 's', 'z' migram para o pronome e se transformam em 'l', precedido pelo hífen: aplicam-se as regras de acentuação gráfica ao verbo, como os exemplos a seguir:

contar + o = contá-lo

escreves + as = escreve-las

fiz + o = fi-lo

- Se o verbo terminar por 'm' (3ª pess. pl.), a letra permanece, mas o pronome assimila parcialmente a nasalidade, registrada pela letra 'n' em seu início:

contaram + a = contaram-na

- Quando o pronome pessoal átono estiver no meio do verbo (mesóclise), é um pouco mais complicado: só ocorre no futuro do presente e do pretérito do indicativo. Para entenderem melhor, preciso explicar que nossos futuros saíram de tempos compostos do português antigo:

Fut. pres. ind.

contar + hei = contarei

Fut. pret. ind.

contar + havia = contaria

A mesóclise ressuscita um pouco isto:

contar + o + ei = contá-lo-ei

contar + as + ias = contá-las-ias

contar + o + á = contá-lo-á

contar + as + íamos = contá-las-íamos

contar + o + eis = contá-lo-eis

contar + as + iam = contá-las-iam

5. Acento gráfico como marcas de concordância e anafóricas

Não poderia encerrar esse artigo, sem tratar de um dos acentos gráficos mais importantes e mais frequentes para compreender o que se lê, na 3ª pess. dos verbos ‘ter’ e ‘vir’ e seus derivados, no presente do indicativo.

Observe que, na 3ª pess. sing., simplesmente se aplicam as regras de acentuação gráfica. É na 3ª pess. pl. que se usa o acento circunflexo, fazendo com que ele seja diferencial e, com isto, tais acentos gráficos sirvam como marcas de concordância e anafóricas para a recuperação da referência quando o sujeito não vier expresso, ou, se estiver expresso, pelo pronome relativo ‘que’.

A ausência do acento gráfico só ocorre no monossílabo, na 3ª pess. sing. do pres. do ind., como em ‘ele tem’, ‘ele vem’; o acento agudo só ocorre nos derivados na 3ª pess. sing. do pres. do ind., como nos exemplos ‘ele contém’, ‘ele provém’; o acento circunflexo só ocorre na 3ª pess. pl. do pres. do ind., tanto nos monossílabos, quanto nos derivados, como nos exemplos ‘eles têm’, ‘eles vêm’, ‘eles contém’, ‘eles provêm’. Veja, como, no exemplo a seguir, na oração subordinada adjetiva, a marca de 3ª pess. pl. está unicamente no acento circunflexo: “As pessoas que provêm do hemisfério norte sofrem com o calor no Rio de Janeiro”.

Conclusões

Iniciei esse artigo com dados irrefutáveis sobre a calamitosa situação da alfabetização no Brasil, a partir da Avaliação Nacional de Alfabetização, realizada em 2016 e divulgada em 2017. Uma reflexão crítica sobre tais resultados nos leva a concluir que há falta de fundamentos científicos na orientação das políticas públicas de alfabetização, causadora de falhas que comprometem o ensino-aprendizagem. Entre elas, abordei a questão de ignorarem a necessidade do *input* (no caso, a leitura) como pré-requisito do *output* (no caso, a produção escrita), ilustrado com a negligência em desenvolver a competência para atribuir o acento de intensidade, como condição para o reconhecimento da palavra escrita e, portanto, para a compreensão.

No artigo, esclareço o proveito que o educador poderá obter da transparência do sistema do português escrito para uma alfabetização excelente para a leitura, ilustrando tal transparência com a aplicação do princípio da economia e do valor do zero linguístico para a atribuição do acento de intensidade às palavras mais frequentes do português escrito, isentando-as do acento gráfico. Sendo assim, todas as palavras com mais de duas sílabas que terminam por ‘a’, ‘e’, ‘o’, seguidas ou não de ‘s’ e por ‘em’, ‘ens’, ‘am’, sem nenhum acento gráfico (as mais frequentes do português escrito), são lidas como paroxítonas. Demonstro, igualmente, como o sistema do português escrito, permite a identificação dos clíticos que terminam pelas letras ‘a’, ‘e’, ‘o’, seguidas ou não de ‘s’ em contraste com a impossibilidade de sua delimitação na cadeia da fala.

Referências

- DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**; como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.
- INEP. **Sistema de avaliação da educação básica - Avaliação Nacional de Alfabetização**. Brasil: Ministério de Educação, 2017. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=75181-resultados-ana-2016-pdf&category_slug=outubro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 26 de out. 2017.
- JUSCZYK, P. W. **The Discovery of spoken language**. Cambridge, Mass., Londres: The MIT Press, 1997.
- LOPEZ, B. A. **The sound pattern of Brazilian Portuguese** (Cariocan dialect). Tese de doutorado. Los Angeles: Univ. of California, 1979.
- MATTOSO CAMARA Jr., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MICHAJLOWSKI, P. Mesopotamian cuneiform. In: DANIELS, P. T.; BRIGHT, W. (Orgs.). **The world's writing systems**. New York/Oxford: Oxford Univ. Press, p. 33-72, 1996.
- PETRIE, F. W. M. **The formation of the alphabet**. Londres: MacWiley and Co., 1912.
- QUICOLI, A. C. Harmony, lowering and nasalization in Brazilian Portuguese. **Lingua**, Amsterdam: Elsevier, n. 80, p. 295-331, 1990.
- RITNER, R. K. Egyptian writing. In: DANIELS, P. T.; BRIGHT, W. (Orgs.). **The world's writing systems**. New York/Oxford: Oxford Univ. Press, p. 72-87, 1996.
- SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale par Ferdinand de Saussure**. Texto estabelecido e editado por BOUQUET, S.; ENGLER, R. Paris: Gallimard, 2002, p. 353.
- SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica preparada por Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1972..
- SENADO FEDERAL. **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa - Atos internacionais e normas correlatas**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2014.
- VIANA, A. R. G. **Ortografia Nacional. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas**. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.